



***DA ZONA SUL PARA O MUNDO: TRÊS ARTISTAS NEGRAS E A  
POTENCIALIDADE PEDAGÓGICA DE SUAS PRODUÇÕES NA EDUCAÇÃO  
DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS***

***DEL SUR AL MUNDO: TRES ARTISTAS NEGRAS Y EL POTENCIAL  
PEDAGÓGICO DE SUS PRODUCCIONES EN LA EDUCACIÓN ÉTNICO-  
RACIAL***

***FROM THE SOUTH TO THE WORLD: THREE BLACK WOMEN  
ARTISTS AND THE PEDAGOGICAL POTENTIAL OF THEIR PRODUCTIONS  
IN THE EDUCATION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS***

*Camila Nunes da Costa<sup>1</sup>*

*Monique Priscila de Abreu Reis<sup>2</sup>*

*Tatiane Cosentino Rodrigues<sup>3</sup>*

**RESUMO**

Num diálogo interdisciplinar entre educação, arte e diáspora negra, este artigo, desenvolvido a partir de um trabalho de conclusão de curso, apresenta as produções artísticas e as trajetórias de três artistas negras da periferia da zona sul de São Paulo, Aline Bispo, Bea Filhadarua e Mara Mbhali, analisando as potencialidades pedagógicas de suas produções para a educação das relações étnico-raciais, enraizadas em territórios periféricos e afrodiaspóricos. Pretendeu-se caracterizar os percursos formativos e a relação entre as produções dessas artistas com suas trajetórias, com o território e com seus pertencimentos étnico-raciais. Ao traçar os percursos formativos das artistas, analisar suas obras em diálogo com os contextos territoriais e afetivos, e refletir sobre os conceitos de escrevivência e afrofuturismo, esta pesquisa visa contribuir para uma educação antirracista que celebre a diversidade e busque colaborar com uma transformação social significativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diáspora Negra. Relações Étnico-Raciais. Afrofuturismo. Escrevivência.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup> Mestra em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Avaré, São Paulo, Brasil.

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil.

## RESUMEN

En un diálogo interdisciplinar entre educación, arte y diáspora negra, este artículo, desarrollado a partir de un proyecto de fin de curso, presenta las producciones y trayectorias artísticas de tres artistas negras de la periferia de la zona sur de São Paulo, Aline Bispo, Bea Filhadarua y Mara Mbhali, analizando el potencial pedagógico de estas producciones para la educación de las relaciones étnico-raciales, enraizadas en territorios periféricos y afrodiáspóricos. El objetivo era caracterizar las trayectorias formativas y la relación entre las producciones de estos artistas y sus trayectorias, territorio y pertenencia étnico-racial. Al trazar las trayectorias formativas de los artistas, analizar sus obras en diálogo con sus contextos territoriales y afectivos, y reflexionar sobre los conceptos de escritura y afrofuturismo, esta investigación pretende contribuir a una educación antirracista que celebre la diversidad y busque colaborar con una transformación social significativa.

**PALABRAS-CLAVE:** Diáspora negra. Relaciones étnico-raciales. Afrofuturismo. Escrivência.

## ABSTRACT

In an interdisciplinary dialogue between education, art and the black diaspora, this article, developed from a course final project, presents the artistic productions and trajectories of three black artists from the periphery of São Paulo's south zone, Aline Bispo, Bea Filhadarua and Mara Mbhali, analyzing the pedagogical potential of these productions for the education of ethnic-racial relations, rooted in peripheral and Afro-diasporic territories. The aim was to characterize the formative paths and the relationship between the productions of these artists with their trajectories, with the territory and with their ethnic-racial belonging. By tracing the artists' formative paths, analyzing their works in dialogue with the territorial and affective contexts, and reflecting on the concepts of writing and Afrofuturism, this research aims to contribute to an anti-racist education that celebrates diversity and seeks to collaborate with significant social transformation.

**KEYWORDS:** Black Diaspora. Ethnic-Racial Relations. Afrofuturism. Escrivência.

\*\*\*

## “Da ponte pra cá”<sup>4</sup>

No âmbito de um diálogo interdisciplinar entre educação, arte e diáspora negra, este trabalho de pesquisa teve como foco a produção artística e as trajetórias de três artistas negras da periferia da zona sul de São Paulo, especificamente, com objetivo de explorar a potencialidade pedagógica das criações dessas artistas para a promoção da educação das relações étnico-raciais, visando compreender os seus percursos formativos, bem como a interconexão entre suas produções artísticas, trajetórias de vida, os territórios em que se inserem e suas identidades étnico-raciais.

<sup>4</sup> Música e letra Racionais MC's - Da ponte pra cá.

Ao discutir o conceito de “escrevivência”, cunhado por Conceição Evaristo (2005), busca-se estabelecer um vínculo entre a produção artística das artistas, a expressão de suas vivências, sua resistência e a construção identitária. A escrevivência emerge como uma narrativa que rompe os silenciamentos históricos. Nas palavras de Conceição:

Sendo as mulheres invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico [*sic*] branco, as escritoras negras buscam inscrever no *corpus* literário brasileiro imagens de uma auto-representação [*sic*]. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 205).

O trabalho também dialoga com os princípios do afrofuturismo, uma fusão de elementos da cultura negra com a ficção científica que abre portas para narrativas especulativas e futuros alternativos. A denominação afrofuturismo foi introduzida no início dos anos 1990 por Mark Dery (1994), com o intuito de descrever produções artísticas que exploram cenários futuros possíveis para populações negras por meio da lente da ficção especulativa.

Considerando a relação entre as produções artísticas, a territorialidade e a afetividade, examina-se neste artigo como os territórios periféricos e afrodiaspóricos influenciam temáticas, simbolismos e formas de expressão presentes nas obras das artistas. Explora-se também como essas produções estabelecem vínculos afetivos e dialogam com os processos de identificação e identitários das artistas.

São focos de análise as produções artísticas de Aline Bispo, Bea Filhadarua e Mara Mbhali, com o propósito de compreender como essas obras podem orientar práticas pedagógicas para a promoção de processos de reeducação das relações étnico-raciais.

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, que visou aprofundar a compreensão das interações entre as produções artísticas, as trajetórias pessoais das artistas e a promoção da educação das relações étnico-raciais. Foram realizadas entrevistas com as três artistas selecionadas via Google Meet, seguindo um roteiro predefinido que permitiu explorar suas experiências de vida, percursos formativos, inspirações artísticas e conexões com suas criações. Através dessas entrevistas, buscou-se apreender perspectivas individuais, motivações e visões que podem fornecer *insights*

significativos sobre o papel da arte na educação das relações étnico-raciais. Todas as artistas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e autorizaram a divulgação de suas identidades.

Ao traçarmos os objetivos desta pesquisa, é essencial reconhecer a arte na educação como área do conhecimento e seu potencial para a transformação social.

A atual legislação educacional brasileira reconhece a importância da arte na formação e desenvolvimento de crianças e jovens. Ela visa a destacar os aspectos essenciais da criação e percepção estética dos alunos e o modo de tratar a apropriação de conteúdos imprescindíveis para a cultura do cidadão contemporâneo. As oportunidades de aprendizagem de arte mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior (Vilma Pereira Martins Zanin, 2005, p. 60).

Ao explorar as trajetórias formativas das artistas e os modos como elas moldam suas expressões artísticas, busca-se entender como a arte transcende a mera estética, abraçando o papel de narrativa e agente de mudança. A voz da artista Mara Mbhali ecoa como um testemunho desse poder transformador. Sua jornada, entrelaçada com a sua descoberta sobre a Lei nº 10.639/2003<sup>5</sup>, ilustra como a arte pode ser um catalisador na promoção da conscientização e na ampliação de perspectivas para o enfrentamento dessas lacunas históricas. Mara compartilhou como se deu sua descoberta sobre a Lei 10.639/2003 e sua percepção de como a normativa não trata somente de um conceito legal, já que abre uma janela para compreender a diáspora, a história afro-brasileira e a sua própria identidade. Seu entusiasmo e descontentamento por não conhecer a lei no seu período de escolarização se alinham ao propósito desta pesquisa, que procura não apenas mapear as trajetórias artísticas, como também entender como elas podem contribuir para a educação das relações étnico-raciais.

O termo étnico-racial refere-se à relação entre etnia, compreendida como um grupo social unido por experiências compartilhadas em laços culturais, históricos e, por vezes, linguísticos, e raça, entendida como uma construção social e política baseada em características fenotípicas, utilizada para hierarquizar e categorizar populações. A

<sup>5</sup> A Lei nº 10.639/2003, de caráter normativo e pedagógico, representa um marco legal fundamental ao alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), tornando obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis da educação básica. Posteriormente, a Lei nº 11.645/2008 incluiu também a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígenas.



temática étnico-racial aborda a complexa interação entre a cultura, a ancestralidade e as categorias raciais na formação de desigualdades e identidades coletivas.

A educação das relações étnico-raciais se refere a um campo de estudo e práticas educativas que visam promover a compreensão, o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial, bem como combater o racismo e outras formas de discriminação racial na sociedade e no ambiente escolar. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, instituídas pela Resolução CNE/CP nº 1/2004, são importante documento para a implementação da educação das relações étnico-raciais em todos os níveis de ensino. Nas Diretrizes, a área de arte é considerada prioritária para o trabalho com a temática étnico-racial na educação básica.

A arte personificada pelas obras de Aline Bispo, Bea Filhadarua e Mara Mbhali, torna-se um espaço em que a resistência, a identidade e as histórias por muito tempo silenciadas estão encontrando voz. A produção dessas artistas se entrelaça com a complexidade das experiências da história e culturas negras, indígenas e também periféricas. São esses elementos que conferem à arte a potencialidade pedagógica de desafiar estereótipos e estimular a reflexão crítica.

A arte, portanto, não se limita apenas ao domínio das galerias e museus, mas adentra as salas de aula como uma ferramenta vital na construção de uma educação antirracista e inclusiva. Ao ser introduzida como área do conhecimento no contexto educacional, a arte não apenas enriquece o processo de aprendizado, como também pode se tornar uma plataforma para o engajamento com diversas questões sociais. Ela pode contribuir com a exploração de narrativas culturais diversas e desafiar perspectivas preconcebidas.

**“Zona Sul é o invés, é *stress* concentrado um coração ferido, por metro quadrado”<sup>6</sup>**

A periferia, território frequentemente reconhecido através das letras do Racionais MC's, é moldada por uma história de resistência e luta pelos direitos de uma população composta por pessoas oriundas de diferentes partes do país, especialmente do Nordeste.

---

<sup>6</sup> Vida loka II - canção de Racionais MC's.

As desigualdades e condições impostas à população negra e pobre levaram a uma concentração de pessoas nos extremos da cidade, um movimento que as<sup>7</sup> distanciou do centro e contribuiu com a fundação das periferias, desde o início desprovidas dos acessos fundamentais à saúde, educação e moradia.

Desde o início, as cidades constituíram-se de maneira a reproduzir a desigualdade social. A especulação imobiliária elevou os valores das residências, obrigando os mais pobres a procurarem moradia em locais cada vez mais afastados dos valorizados “centros” urbanos, o que conduziu à “periferização da população” (Santos, 2018, p. 106). Ainda atualmente se vivencia esse fenômeno que se iniciou com o fim da escravidão, fruto de uma política de segregação social e racial, que objetiva dificultar o acesso dos mais pobres aos centros urbanos, mantendo-os, por conseguinte, afastados, nas periferias, locais em que geralmente usufruem de menos recursos sociais, tais como escola, atendimento de saúde, saneamento básico, segurança e lazer (Tatiana Cetertich, 2021, p. 34).

A busca por deslocamento das regiões periféricas em direção ao centro era uma necessidade crucial para o emprego e para alcançar as infraestruturas ausentes nas periferias da cidade. Entretanto, esse deslocamento não era uma tarefa fácil, particularmente em uma região em que o sistema de transporte carecia de eficácia. O metrô, por exemplo, somente alcançou essa região da zona sul, em outubro de 2002, por meio da linha 5 lilás, que, em sua origem, ligava o Capão Redondo ao Largo Treze, localizado também na zona sul. A necessidade de passar longas horas em trânsito tornou-se uma marca daquelas que habitam as bordas urbanas, seja para o trabalho, a educação ou até mesmo para acessar espaços culturais e de lazer como museus, livrarias e teatros.

A cidade não funciona sem seus milhares de deslocamentos diários. Quem tem mais renda, mora nos lugares mais estratégicos, paga o valor gerado pela acessibilidade, e se desloca com maior velocidade. Quem tem menos renda, se desloca mais devagar e de forma mais precária e desconfortável. Isto faz com que as pessoas tenham diferentes níveis de acesso à cidade. A busca pelas melhores oportunidades fica restrita a um determinado grupo enquanto a maioria não possui esta capacidade de escolha (Patrícia Zandonade; Ricardo Moretti, 2012, p. 95-96).

<sup>7</sup> Neste artigo, será utilizada a flexão de gênero no feminino, pela atuação de mulheres na autoria e como colaboradoras. No uso da forma no feminino em casos em que a palavra estiver no impessoal, subentende-se a referência à palavra “pessoa”.

Esse contexto expõe profundas desigualdades sociais. A necessidade de constante deslocamento e as barreiras de acesso a serviços e oportunidades essenciais revelam um cenário em que a distribuição de recursos e oportunidades é notoriamente desigual.

É nesse ponto que Aline Bispo, Bea Filhadarua e Mara Mbhali emergem como figuras de imensa relevância. Suas trajetórias e criações ressoam não apenas com o território, mas também com as trajetórias de autodescoberta que muitos de nós trilhamos.<sup>8</sup> A linha que une suas narrativas individuais e suas manifestações artísticas reflete a jornada de muitas pessoas, sem que suas histórias deixem de ser únicas.

A arte, que desabrocha como um veículo de resistência, resiliência, diversão e reinterpretção, contradiz os estereótipos que cercam a periferia. Contrariando as visões preconceituosas, a periferia é um solo cultural fértil, diverso e potente.

**“Só quem é de lá sabe o que acontece”<sup>9</sup>**

Aline Bispo é artista visual, ilustradora e curadora. Cresceu na zona sul de São Paulo, na região do Campo Limpo. Seus primeiros grafites nas ruas de São Paulo são de 2008. Formou-se em Artes Visuais no Centro Universitário Belas Artes, por meio de políticas de ações afirmativas. Também estudou *Design* de Interiores e Comunicação Visual na rede da Escola Técnica Estadual (Etec) de São Paulo. Deslocava-se para a região mais central para estudar, já que as Etecs que contemplavam a periferia não ofereciam cursos do eixo de produção cultural e design.

Em suas criações, explora tópicos como a diversidade cultural brasileira, as temáticas de gênero e os sincretismos religiosos e étnicos, levando em consideração sua própria perspectiva de mundo. Com uma abordagem interdisciplinar, seu trabalho abrange diversas formas de expressão artística, incluindo ilustração, pintura, gravura, performance audiovisual e fotografia.

---

<sup>8</sup> A autora **Camila Nunes da Costa**, que é da Zona Sul de São Paulo, relata que: A escrevivência, uma das bases desta pesquisa, tem raízes também em minha própria relação com o tema escolhido e na seleção das artistas entrevistadas. Escrever e pensar sobre elas e esse território está intrinsecamente ligado às minhas próprias vivências. Nasci e cresci no Capão Redondo. Durante o tempo em que vivi lá, participei de diversos projetos que solidificaram uma conexão afetiva com esse território, contribuindo para a construção de minha identidade, autoestima e uma visão politicamente engajada. Essa vivência também me permitiu estabelecer laços de amizade com as artistas. Atualmente, exerço a função de assistente de produção ao lado de Aline Bispo, compartilhando as experiências que sua arte nos proporciona. Além disso, mantenho relações, sempre que possível, com as outras artistas, o que fortalece nossos laços e enriquece minha própria identidade.

<sup>9</sup> Pânico na Zona Sul – canção de Racionais MC's

**FIGURA 1:** Aline Bispo.

**Fonte:** Acervo pessoal de Aline Bispo - Foto: Pamela Anastacio

Entre as produções de Aline Bispo, pode-se destacar sua primeira empena<sup>10</sup>, em 2021, em homenagem a Lélia Gonzalez; o lançamento da coleção de moda Belezas Brasileiras com a Hering, em 2022; muitas ilustrações de capas de livros, como as dos livros *Torto Arado* de Itamar Vieira Junior e *Por um feminismo afro-latino-americano*, de Lélia Gonzalez. Atualmente, ela possui obras expostas e presentes nos acervos do Museu de Arte de São Paulo (Masp), Instituto Moreira Salles (IMS Paulista), Serviço Social do Comércio (Sesc), Adelina Cultural e Galeria Luis Maluf (Instituto Ibirapitanga, c2025).

Aline Bispo explora a conexão entre sua própria identidade e sua produção artística. Ao enraizar seu trabalho em sua experiência corpórea, ela investiga o corpo como um território complexo, repleto de significados culturais e sociais. Através de suas criações, Bispo articula um diálogo entre as dimensões religiosas e étnicas de sua identidade, bem como suas referências e atravessamentos, usando a arte como um veículo para explorar as diversas facetas de sua vivência.

---

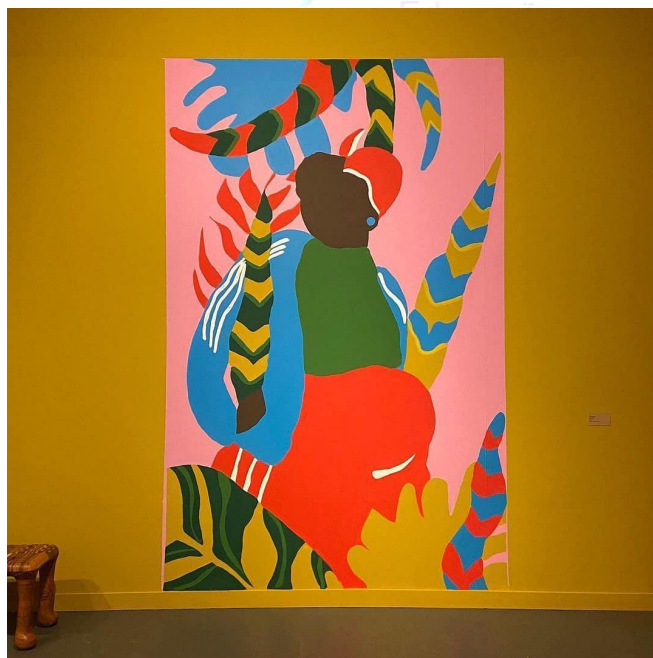
<sup>10</sup> Empena refere-se à parede lateral de um edifício, geralmente sem janelas ou aberturas. Artistas utilizam as paredes laterais de edifícios como tela para expressões artísticas em forma de grafite, gerando murais de grande impacto visual, como identificados em várias cidades.

**FIGURA 2:** Empena Salve Lélia.



Fonte: Redes Sociais Aline Bispo

**FIGURA 3:** Arte desenvolvida para a exposição “Mães - No imaginário da arte”  
do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo.



Fonte: Redes Sociais Aline Bispo

Beatriz Araújo, também conhecida como Filhadarua, é uma artista múltipla, natural do Capão Redondo, região sul de São Paulo. Cresceu em um contexto feminino e fortalecedor junto com sua mãe e sua avó. Sua jornada artística teve início nas ruas, com a pichação, que ela utilizava como meio de se expressar e se descobrir. Com o tempo, ela passou a se dedicar também ao grafite e posteriormente, ela também passou a atuar.

**FIGURA 4:** Bea Filhadarua.



**Fonte:** Acervo pessoal das redes sociais da artista

Ela é formada em Direito e também acessou a universidade através de políticas de ações afirmativas. Ela utiliza o *hip-hop* como uma plataforma para ampliar suas ideias e combater a invisibilidade que mulheres negras e periféricas enfrentam há tempos. Beatriz compreendeu que o *rap* poderia ser uma ferramenta poderosa para alcançar mais pessoas. No final de 2020, ela lançou sua primeira música, intitulada “Bem localizada” (Erica Bastos, 2021).

Bea Filhadarua compartilha a jornada de autodescoberta e adaptação à academia e ao mundo do grafite. A categorização de sua arte se torna uma busca desafiadora, à medida que ela reconhece a dificuldade de se encaixar em definições preestabelecidas. No entanto, essa luta levou-a a um entendimento mais amplo do potencial de sua arte. Através do desenho, ela transcendeu os limites da estética, utilizando a arte como uma ferramenta versátil para palestras e diálogos, destacando sua função como uma plataforma política, social e étnico-racial.



**FIGURA 5:** Tula Pilar por Bea Filhadarua.



**Fonte:** Redes Sociais Bea Filhadarua

**FIGURA 6:** Mural Coletivo – Fábrica de Cultura.



**Fonte:** Redes Sociais Bea Filhadarua

Mara Mbhali é uma arte-educadora e pesquisadora dedicada ao estudo da arte na diáspora negra. Possui formação em Museologia Decolonial, Artes Visuais, Produção Executiva de TV e Cinema, e Gestão de Políticas Públicas Culturais. Nasceu e cresceu no extremo sul da periferia de São Paulo. Iniciou sua trajetória como grafiteira aos 16

anos, explorando diversas formas de expressão artística nas ruas. Influenciada pelo rico cenário cultural de sua região, Mara tem buscado nos últimos anos compreender a influência artística trazida pelas africanas ao Brasil (Mara Mbhali, c2025b).

**FIGURA 7:** Mara Mbhali.



**Fonte:** Site da artista (Mara Mbhali, c2025a)

A partir de sua pesquisa, ela reuniu um vasto acervo de referências da arte negra e deu início à execução da arte Àròyá. Essa expressão artística é uma simbologia de arte corporal praticada no Império Yoruba antes da colonização, e representa um dos poucos vestígios que resistiram e se preservaram no Brasil através do Culto Afro-Brasileiro de Matriz Africana.

A relação com essas artistas transcende a academia, representando um comprometimento pessoal com a narrativa da periferia, a autenticidade de suas histórias e a profunda riqueza cultural do território periférico. Mara, por exemplo, enfatiza a vivência e a oralidade como elementos centrais de sua prática artística. Suas obras são um reflexo direto das influências e vivências dos espaços pelos quais ela percorre e das referências que absorve. Ao explorar o candomblé, Mbhali reconhece a importância da oralidade como um meio para transmitir conhecimento e preservar a cultura. Suas incursões na história de artistas negras, muitas vezes negligenciadas, demonstram a busca por identidade e inspiração em figuras que moldaram o cenário artístico.

**FIGURA 8:** Aròyá (tinta óleo sobre tela, em processo 2022).



**Fonte:** Portfólio de Mara Mbhali, disponível no *site* da artista (Mbhali, c2025a)

**FIGURA 9:** Àròyá (estudo baseado no Império de Ifé, 2017).



**Fonte:** Portfólio de Mara Mbhali, disponível no *site* da artista (Mbhali, c2025a)

Em conjunto, as obras de Mara Mbhali, Bea Filhadarua e Aline Bispo se revelam como repertórios valiosos para a educação e o engajamento na temática étnico-racial. Suas narrativas visuais transcendem a superficialidade de algumas abordagens sobre as relações raciais, proporcionando um espaço para diálogo, compreensão e celebração da

cultura negra na diáspora. Ao reconhecer e compartilhar as complexidades das identidades negras e periféricas, essas artistas dialogam com suas comunidades, promovendo a autoestima, a produção de conhecimentos, a conscientização e a mudança social.

### **“Vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas”<sup>11</sup>**

Em 2023, a Lei nº 10.639/2003 completou vinte anos. As mudanças da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), através das Leis nºs 10.639/2003 e 11.645/2008, contemplaram a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e dos povos indígenas em todos os níveis de ensino. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira são de suma importância, pois institucionalizam a obrigatoriedade de abordar essas temáticas na educação básica.

Ao abordarmos a implementação de uma política pública, é essencial considerar a ampla variedade de contextos e fatores que podem exercer influência sobre esse processo. Nesse sentido, José Roberto Rus Perez (2010) enfatiza que políticas direcionadas à educação necessitam reconhecer e levar em consideração uma série de determinantes externos. É fundamental compreender as interações dinâmicas que ocorrem entre os diversos recursos de apoio e as complexas características sociais, culturais e econômicas das pessoas envolvidas nesse cenário. A abordagem desses fatores possibilita uma implementação mais eficaz e alinhada às demandas e realidades específicas de cada contexto.

Em 2021, a Prefeitura de São Paulo lançou uma política<sup>12</sup> contra o racismo estrutural, denominada “São Paulo: Farol de Combate ao Racismo Estrutural”. Coordenado pela Secretaria Municipal de Relações Internacionais, a proposta homenageia Luiz Gama, jornalista e primeiro advogado negro do Brasil. Considerado um dos maiores abolicionistas, tendo dedicado a vida não só à luta pela libertação de negros e negras, como pelo fim absoluto da escravidão, o legado deixado por Gama hoje é um farol a ser seguido. Nessa ocasião, a Prefeitura de São Paulo anunciou, no âmbito da política, o desenvolvimento de ações educativas e de conscientização na educação do

<sup>11</sup> Massemba – canção de José Carlos Capinan e Roberto Mendes.

<sup>12</sup> O Programa foi lançado em 2021 e contou com a participação da Secretária de Relações Internacionais Marta Suplicy. Para mais informações, consultar o *site* do Farol Antirracista (Prefeitura da Cidade de São Paulo, c2023).



município (Prefeitura da Cidade de São Paulo, 2022), além da instalação, em diferentes pontos da cidade, de esculturas e espaços de memória dedicados a personalidades negras. O objetivo do projeto é reafirmar o compromisso da cidade de, por um lado, promover a igualdade racial por meio de políticas públicas pioneiras, e, por outro, fomentar o compartilhamento de experiências e boas práticas através do diálogo estratégico entre lideranças e autoridades nos âmbitos regional, nacional e internacional.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo lançou, em novembro de 2022, um documento orientador que compõe as diretrizes curriculares do município, intitulado “Educação Antirracista: Orientações Pedagógicas: Povos Afro-brasileiros”, que complementa outras publicações já disponíveis que tratam dos povos indígenas e dos povos migrantes.

A falta de repertório sobre a temática permanece como um dos grandes entraves para o processo de implementação das duas leis nos diferentes níveis de ensino, assim como a ausência de diálogos entre as unidades escolares e a sua comunidade. Este trabalho é desenvolvido e pensado, também, a partir dessas lacunas, no sentido de ampliar perspectivas, horizontes e temas a partir dos territórios das unidades, bem como das famílias que compõem a comunidade escolar.

A inclusão da temática étnico-racial no currículo escolar exige uma revisão profunda das práticas pedagógicas e uma formação docente sensível e capacitada. É fundamental preparar os educadores para abordar a temática racial de forma adequada e eficaz, considerando a diversidade de vivências e experiências das estudantes.

Conforme mencionado por Anderson Oramisio Santos (2013, p. 162), Munanga ressalta que a formação docente que negligenciou a inclusão de leituras, debates e reflexões relacionados à História da África e à Cultura Negra no Brasil resulta em um desafio para a implementação das novas leis que apoiam a abordagem desses tópicos nas escolas. Não se trata apenas de reconhecer o compromisso de ensinar sobre a temática étnico-racial em sala de aula, uma vez que a professora deve estar adequadamente preparada com fundamentos teóricos que a habilitem a conduzir diálogos substanciais com as alunas sobre esse tema.

Dessa forma, a formação de professoras se revela como um eixo fundamental na construção de uma educação que se estabeleça como um direito fundamental de natureza social, voltada para o bem comum, como um direito e um compromisso que vão além do acréscimo de tópicos em currículos, pois demandam uma reconfiguração das perspectivas e abordagens pedagógicas. A preparação adequada das educadoras as habilita a desafiar

estereótipos, desconstruir preconceitos arraigados e promover a valorização da diversidade e do respeito mútuo.

De acordo com Tatiane Cosentino Rodrigues, Ivanilda Amado Cardoso e Flavia Francchini (2020), a inserir esse perspectiva na formação inicial e continuada de professoras apresenta-se como dimensão fundamental em virtude das novas configurações que tornam as análises em termos nacionais obsoletas. Desse modo, espaços nacionais que vivenciaram suas configurações de nação como colonizadora ou colonizada vêm a recrudescer os conflitos em torno das populações refugiadas e em situação de migração que desafiam a lógica da identidade nacional que balizou a formação dessas nações. Os desafios contemporâneos situam-se nos modos de governo e de convivência nesses espaços. Assim, cabe reposicionar o debate em torno do lugar da cultura e do pertencimento étnico-racial nos processos educacionais (Rodrigues; Cardoso; Francchini, 2020).

**“Vamo que vamo, vou traçando vários planos, vou seguir cantarolando pra poder contra-atacar”<sup>13</sup>**

Ao longo do processo, as três artistas foram entrevistadas individualmente. Cada entrevista foi conduzida de maneira aberta e reflexiva, permitindo que suas vozes únicas fossem ouvidas e suas histórias compartilhadas. O roteiro semiestruturado guiou a conversa, abrangendo três dimensões fundamentais: arte, memória; vivências no ensino escolar (educação básica); e produção artística, escrevivência e afrofuturismo. Essas dimensões foram escolhidas para proporcionar uma visão abrangente das trajetórias das artistas e sua relação com as temáticas centrais do nosso estudo.

### **Arte e memória**

Ao explorar a dimensão *arte e memória* através das entrevistas com as artistas, experiências únicas de suas infâncias foram reveladas. Cada artista compartilhou como a arte se fundiu organicamente às suas vidas, espelhando memórias, influências familiares e vínculos com os entornos que as cercavam.

---

<sup>13</sup> Sulamericano – canção de BaianaSystem



Mara Mahbali trouxe à tona raízes profundamente entrelaçadas à figura inspiradora de sua tia. Ao observar sua tia pintando, Mara encontrou uma janela para a expressão criativa. Um desafio proposto por seu pai, estimulando-a a desenhar por meio da observação, assinalou um ponto crucial que desbloqueou sua autoconfiança artística. Tais experiências estabeleceram as bases de sua relação com a arte e suas próprias memórias.

E aí partir desse gatilho, gatilho positivo do meu pai e essa referência de ver a minha tia pintando, aconteceu o seguinte: meu primeiro contato com ateliê foi na casa dessa patroa que minha tia trabalhava. Minha tia me levou lá e aí essa mulher me deu uns livros e eu fiquei no ateliê brincando e pintando e vi minha tia pintando (Mara Mahbli, 2023).

Bea Filhadarua vivenciou de perto a importância da arte no ambiente escolar, um campo de exploração e aprendizado que a envolveu profundamente. Ela relatou a presença impactante de uma professora de arte, uma mulher negra que se tornou sua referência e marcou sua memória, promovendo uma conexão tangível entre ela e o universo artístico. Seus pais mantinham uma afinidade com a arte e os esportes ao longo de suas vidas. Sua mãe era imersa no mundo dos esportes, enquanto seu pai nutria um profundo carinho por desenho, música e diversas outras formas de expressão. Como resultado, ao retornar para casa, sempre havia um terreno fértil para compartilhar as experiências escolares, enriquecendo a troca de perspectivas e *insights* — uma dinâmica que Bea considerava imensamente enriquecedora.

Eu lembro que a minha professora de artes, eu nunca vou esquecer da Marta Rosana, ela foi a minha primeira professora preta na escola. E ela era uma professora de artes, então, tipo assim, aquilo me chamava muita atenção, muita atenção mesmo. Porque ela era uma mulher, era uma referência, por mais que eu não tinha idade, não tinha discernimento para saber o porquê, ela se tornou uma referência muito cedo pra mim, e consequentemente, a matéria que ela ministrava, a educação artística, foi muito importante também, porque trouxe um outro panorama da arte, a forma como ela abordava, as técnicas (Bea Filhadarua, 2023).

As memórias de infância de Aline Bispo ecoam com o som dos pontos de costura realizados por sua mãe. Revistas de moda antigas encontradas em casa expandiram sua criatividade. Um encontro curioso com uma edição da Revista Bravo! que apareceu no quintal da casa onde morava, marcou sua memória.

Durante a infância, depois de um tempo que eu fui resgatar uma memória, que eu meio que tinha deixado e depois que eu fui entender

as conexões, depois, mais recentemente. Minha mãe costura. Hoje em dia, ela costura mais, reforma. Nossa, às vezes, eu levo alguma coisa pra ela, alguma coisa que ela faz. Mas na época da infância, ela trabalhava em casa costurando para fora. Ela fazia muita reforma, as roupas que ela fazia, as minhas, porque a gente não tinha muito dinheiro pra ficar comprando muita roupa. Então, ela fazia roupa minha, roupa dela, roupa do meu pai. Eu usava muito tecido, sabe? Fazia muita roupa de boneca, então essa é uma memória, assim, que, depois do meu trabalho, eu fui entender esse lugar, assim, nas peças de moda. Eu fui conectar, mas eu fazia isso assim, eu fazia muita roupa de boneca. Depois a minha mãe achou uns desenhos que eu fazia de, tipo, eu falava que eu ia ser estilista. Tem muito vestido, muita roupa que eu desenhava, eu olhava muita revista. Ela tinha umas revistas antigas que eu não sei de onde era, eram revistas de moda, mas, tipo, essas revistas que vem o combo, moda, decoração, cultura (Aline Bispo, 2023).

Embora cada história tenha se desdobrado de forma singular, há fios comuns que perpassam por suas narrativas. Por exemplo, figuras familiares que plantaram as sementes iniciais do interesse artístico. Em um dos casos, a escola também emergiu como terreno fértil para a exploração da arte, onde ela não apenas encantava, mas também se traduzia em uma forma de aprendizado.

A influência de espaços culturais e coletivos enriqueceu as vivências artísticas das entrevistadas durante a infância e o início da juventude dentro do território. Tais espaços se revelaram cruciais para a descoberta, exploração e expressão criativa das entrevistadas. Cada história realça a interseção entre a arte, a memória e o território, refletindo a complexidade e a singularidade dessas vivências pessoais.

A análise dessa dimensão evidencia que a arte transcende o âmbito do exercício criativo. Ela tece uma conexão entre memórias, experiências vividas e autodescobertas, moldando uma expressão rica e exclusiva de identidade e percepção. A influência de espaços culturais e coletivos acrescenta camadas de profundidade a essas jornadas artísticas, contribuindo para a formação da identidade e da criatividade das artistas.

### **Vivências no ensino escolar (educação básica)**

No segundo ponto de discussão, as artistas compartilharam suas experiências no ambiente escolar, especialmente em relação à educação étnico-racial. As respostas indicaram diferentes graus de exposição à história e cultura afro-brasileira e indígena durante a educação básica. Algumas participantes mencionaram como a arte, em particular, influenciou suas percepções sobre sua própria identidade e herança cultural.

Essas percepções foram enriquecidas por meio de citações que ressaltam a importância da inclusão de narrativas afro-brasileiras no currículo escolar.

Ao explorarmos a dimensão *Vivências no ensino escolar* por meio das entrevistas realizadas, foram apresentadas perspectivas variadas sobre como as aulas de arte eram abordadas e apresentadas nos espaços escolares frequentados pelas artistas. Cada relato traz à tona diferentes nuances, revelando um panorama complexo e multifacetado das experiências educacionais relacionadas à arte e à cultura afro-brasileiras.

Mara Mbhali ressaltou uma carência evidente nas aulas de arte que ela frequentou durante sua educação escolar. As atividades eram frequentemente vagas e limitadas a tarefas como o desenho livre e a criação de mosaicos. No entanto, sua experiência como educadora de artes a motiva a preencher essa lacuna, reconhecendo a importância de compartilhar mensagens significativas às gerações futuras.

Eu hoje como educadora de artes, pensando em todo esse contexto que eu trago comigo, quando eu vou preparar uma aula, eu penso em toda uma didática sobre o que eu quero passar, sobre o que eu quero que as crianças entendam, nas minhas aulas de arte. Então, hoje em dia, então, eu tenho esse cuidado e preocupação porque eu sei que eu preciso passar uma mensagem (Mbhali, 2023).

Bea Filhadarua descreve a presença limitada da cultura afro-brasileira em suas aulas de arte, destacando como muitas vezes esses aspectos eram invisibilizados. A professora Marta emerge em seu relato como uma figura que tentava introduzir elementos culturais de forma lúdica, utilizando festas juninas como oportunidades para questionamentos sobre tradições e identidades culturais. No entanto, Bea também observa que a abordagem ainda não era suficientemente aberta para um diálogo completo sobre as culturas afro-brasileira e indígena.

[...] era como eu falei no início, era muito invisibilizada ainda, não era um diálogo aberto. Eu vou sempre repetir o nome da professora Marta, porque de arte e educação, no período escolar, ela foi uma referência muito grande. Eu sinto que até pra ela aquilo era um tabu, como se ela não pudesse ter um jogo aberto com os alunos. Eu não sei se, ao mesmo tempo, era ou até que ponto esses alunos estão preparados para esse diálogo ou se realmente era uma questão, porque, assim, a gente sabe que o estudo é dirigido, então ela também não podia fugir muito da proposta, porque a gente sabe que o profissional ali da educação ele ia ser taxado (Filhadarua, 2023).

Aline Bispo apresenta uma imagem de aulas de Arte que frequentemente se limitavam a atividades como “desenho livre” e exercícios geométricos. A falta de aprofundamento em história da arte e a ausência de discussões sobre raça e etnia são traços marcantes de suas experiências. Apesar da presença de algumas referências, como Salvador Dalí, essas explorações muitas vezes não estavam integradas a uma compreensão mais ampla de arte, história e cultura.

A gente teve que ir buscar depois, porque a memória que eu tenho da infância de se falar talvez desse lugar de cultura afro-brasileira era sempre no viés do escravizado. Sempre escravo, escravo, escravo. E cabo, mais nada. A gente olha hoje tanta riqueza, tanta coisa para aproveitar (Bispo, 2023).

Esses relatos coletados refletem uma lacuna significativa na abordagem das aulas de arte no contexto escolar das entrevistadas. Embora algumas tentativas de incorporar elementos culturais e étnico-raciais tenham sido feitas, essas abordagens frequentemente careciam de profundidade e não estavam plenamente conectadas a uma compreensão abrangente de arte, história e cultura. A necessidade de uma educação mais inclusiva, aberta e integrada nas aulas de arte se torna evidente, considerando a importância de explorar as interseções entre cultura, história e identidades por meio da expressão artística.

Em resumo, a análise dessa dimensão revela que as aulas de arte eram frequentemente limitadas em suas abordagens e conexões com a cultura afro-brasileira. Embora algumas tentativas tenham sido feitas para trazer elementos culturais e étnico-raciais, havia uma necessidade de uma abordagem mais integrada e inclusiva que abordasse a riqueza da diversidade cultural e étnica do Brasil.

### **Produções artísticas, escrevivência e afrofuturismo**

Na terceira dimensão, exploramos as vozes e visões de Mara Mbhali, Bea Filhadarua e Aline Bispo, mergulhando em suas experiências criativas, sua relação com o território e a comunidade de origem, bem como a maneira como suas produções artísticas dialogam com a cultura afro-brasileira e o afrofuturismo. Ao cruzar essas respostas com o âmbito da educação para as relações étnico-raciais, emergem reflexões poderosas sobre a identidade, o pertencimento e o potencial transformador da arte.

O conceito de escrevivência representa a escrita das vivências coletivas de grupos historicamente marginalizados, buscando um resgate e uma resistência por meio da narrativa. Dentro desse contexto, as artistas encontram um espaço valioso para expressar suas vivências, suas lutas e sua construção identitária.

As narrativas das artistas revelam uma conexão intrínseca entre seus processos criativos e seus territórios de origem. Para Mara, a arte é um meio de retratar e celebrar a realidade vivenciada nas ruas da quebrada, capturando a beleza de suas pares. Sua abordagem rompe com os padrões estabelecidos e redefine a estética, oferecendo uma visão mais autêntica e inclusiva. Nesse contexto, a educação para as relações étnico-raciais encontra uma aliada, à medida que a arte de Mara desafia estereótipos e amplia as perspectivas, promovendo o reconhecimento e a valorização das identidades afro-brasileiras.

Eu acho que a gente que é preto a gente pinta muito sobre identidade e o nosso território influencia nisso. Por exemplo, eu não vou fazer um quadro de uma pessoa num palacete igual às princesas da Disney. Eu não vivo essa realidade, a realidade que eu vivo é outra, a estética que eu vejo é outra. É isso, de ver as pessoas pretas, de trombar e ver você com um brinco da Bea Filhadarua. Faz mais sentido pra mim retratar isso nas minhas pinturas do que retratar algo que eu não me vejo. Andar na quebrada, cortar beco, cortar rua, descer e subir escadão, ver as pessoas catar busão e andar na rua, ver uma pessoa e achar ela bonita e pensar em fazer um desenho parecido com essa pessoa, tentar reproduzir o que você está vendo, aquela estética. Isso é importante para caramba dentro do território (Mbali, 2023).

Bea compartilha sua jornada de encontrar sua própria voz em meio à complexidade do território periférico. Sua produção artística se nutre da identidade que se forma em torno de ruas, becos e esquinas, trazendo à tona o cotidiano e as lutas da comunidade. Ao voltar seu olhar para a quebrada e suas mulheres, Bea não apenas homenageia suas referências, mas também evidencia a importância da representação e do empoderamento, elementos cruciais na educação para as relações étnico-raciais.

A partir do momento em que eu me entendi nesse lugar de mulher preta periférica, eu acho que 100% do que eu produzo está relacionado a isso. A expressar quem eu sou nesse lugar, seja de descoberta, seja de exploração, seja de afirmação, eu acho que ele está diretamente relacionado a isso. De trazer personalidades de grande importância. Eu sei que um grande período ali da minha produção, eu dediquei a homenagear outras mulheres que me influenciaram, trazer ali uma pintura, um texto, uma poesia, um retrato dessas mulheres que me

influenciaram, não só mulheres referência artística de grande escala, digamos, assim, famosas, mas mulheres também do meu dia a dia. De me preocupar bastante de homenagear essas mulheres, de criar e materializar coisas para homenagear essas mulheres, talvez por essa carência de ter portfólio dessas mulheres. E foi algo que foi muito importante pra mim, pra minha construção artística, então eu tive isso muito forte dentro de mim, de homenagear e tentar reverenciar essas mulheres que vieram antes de mim (Filhadarua, 2023).

Aline, por sua vez, leva-nos ao âmago da sua própria corporeidade, explorando o território do próprio corpo como um espaço de compreensão e expressão. Sua produção surge de uma jornada de autoconhecimento e afirmação, abraçando suas raízes, seu sincretismo religioso e as interseções que sua identidade carrega. A arte de Aline serve como um veículo de compreensão mútua, permitindo que outras reflitam sobre as nuances da experiência negra no Brasil e o poder da autoconsciência que pode também ser expressado na educação para as relações étnico-raciais.

Eu falo que a minha produção, isso eu descobri no TCC. Que ela vai partir de um lugar que é o meu próprio corpo. Que é primeiro entender que eu não sou branca, que eu sempre soube, mas depois entender como é o lugar desse corpo que é muito claro para os pretos, que é muito escuro para os brancos. Então eu parto desse lugar, de ter meu corpo como esse território e tudo que atravessa o meu corpo. Aí eu acho que entra a parte da produção. E meu TCC me ajudou muito para escrever, entender esse lugar, entender o que estava acontecendo, o que estava me incomodando. Porque o TCC, pra mim, foi esse caminho de descoberta. De poder ler, de poder ver quem já estava falando sobre isso. Porque agora está em um processo de “Tragam os pardos para o movimento negro!”. Mas a gente ficou muitos anos assim, pardo é papel. Então esse lugar me atravessa, hoje eu sinto que o que eu consigo me ver, me colocar, me afirmar, passa por esse processo (Bispo, 2023).

Além disso, as artistas compartilham como suas produções se relacionam com a cultura afro-brasileira e afrodiaspórica. Mara, ao resgatar a estética do candomblé e das vivências cotidianas, tece uma narrativa visual que honra a herança afro-brasileira, mantendo-a viva no presente. Bea, ao homenagear as mulheres negras e trazer sua vivência periférica para a arte, desafia as lacunas históricas e destaca a força da comunidade. Aline, ao dialogar com as práticas religiosas e a interseção de identidades em sua produção, apresenta uma obra rica em referências que espelham a complexidade afro-brasileira.

Nesse contexto, o afrofuturismo se manifesta como uma lente que permite que as artistas imaginem e construam futuros em que a identidade negra não é apenas preservada,



mas também empoderada. Aline explora a ideia de um futuro que se funde com o passado ancestral, buscando em tecnologias ancestrais as ferramentas para forjar um caminho à frente. Mara vê o afrofuturismo na capacidade de sua arte de trazer à tona o que já foi esquecido, revivendo símbolos e valores. Bea, ao trazer as mulheres negras do passado e do presente para o foco, cria um espaço de continuidade e conexão, um futuro que reverbera com a força das raízes.

Essas artistas não apenas resgatam e celebram, mas também forjam novos caminhos, influenciando futuras gerações. Suas produções são um testemunho da resiliência, da criatividade e da potência do povo negro, ecoando em coros do passado, presente e futuro. Essa narrativa artística é também uma ferramenta educacional poderosa, fornecendo *insights* e perspectivas profundas sobre a complexidade da identidade afro-brasileira, a importância da representação e a visão do futuro enraizada nas experiências passadas.

Portanto, as histórias de Mara, Bea e Aline nos lembram que a arte não apenas reflete a vida, mas também a constitui e a transforma. Ao atravessar as fronteiras do tempo, do território e da cultura, suas produções nos convidam a explorar, refletir e celebrar a riqueza da experiência afrodiaspórica. Essas narrativas artísticas são uma expressão autêntica da educação para as relações étnico-raciais, uma ponte que conecta o passado, o presente e o futuro da população negra na diáspora, construindo um legado de respeito, dignidade e saberes.

Essa análise dos resultados das entrevistas oferece uma visão panorâmica das trajetórias, percepções e contribuições das artistas para as discussões sobre culturas, identidades e educação para as relações étnico-raciais. Através das vozes das artistas, as dimensões da arte, a memória, o território, as vivências escolares e a produção artística se interconectam para formar um retrato rico e diversificado das experiências afro-brasileiras no contexto da educação e da criação artística.

### **Considerações para um futuro possível**

À medida que exploramos as vozes e experiências das artistas protagonistas desse trabalho, Mara Mbhali, Bea Filhadarua e Aline Bispo, emerge uma vibrante visão de um futuro possível, em que a educação para as relações étnico-raciais é enriquecida por meio da valorização da diversidade e da produção artística. As dimensões abordadas neste estudo nos levam a reflexões profundas sobre como a educação pode ser transformada

para abraçar a riqueza das experiências das histórias africanas, afro-brasileiras e indígenas ampliando a compreensão da cultura, das identidades e da história.

Entre as práticas pedagógicas que podem ser realizadas na escola a partir das trajetórias e obras das artistas, pode-se citar: leitura das obras de arte, contextualização a partir das histórias das artistas e realização de produções artísticas (obras novas) inspiradas no conhecimento produzido; realização de exposição com obras e biografias das artistas com visita para a comunidade escolar mediada por estudantes; produção de material audiovisual sobre as artistas e suas obras, relacionando os conceitos de escrevivência e afrofuturismo; práticas sobre o tema arte e território: estudo sobre a zona sul de São Paulo e sua história por meio de depoimentos e obras de artistas da região e posterior realização de trabalho das estudantes sobre as suas próprias vivências e regiões; abordagens dos temas ancestralidade, história e cultura afro-brasileira, africana e afrodiaspórica a partir da leitura das obras das artistas; realização de rodas de conversas; estudo das trajetórias e obras das artistas e produção de um mural (grafite) com obras autorais dos estudantes elaboradas a partir dos temas afrofuturismo, escrevivência, ancestralidade e território.

A trajetória de cada artista, enraizada em seus territórios e influências, revela que a arte pode transcender os limites da sala de aula e transformar-se em uma linguagem que retrata e celebra a nossa cultura. Nesse sentido, as futuras práticas educacionais podem se beneficiar ao reconhecer e incorporar a arte como um veículo para explorar as interseções entre identidades, memória e território.

A adoção do afrofuturismo nesse contexto engaja diretamente com o objetivo de promover uma educação antirracista. Ao desafiar representações estereotipadas e marginalizadas, a abordagem afrofuturista convida educadoras a também reimaginar métodos pedagógicos que podem melhorar a compreensão e a apreciação das identidades negras. Através da exploração do futuro como algo para resgatar, celebrar e preservar as culturas negras, o afrofuturismo se torna uma ferramenta para um diálogo mais abrangente e inclusivo sobre o que é possível, tanto individualmente quanto coletivamente.

A escrevivência nas obras de Conceição Evaristo (2005) não se limita às fronteiras do tempo e do espaço ao construir uma ponte entre passado, presente e futuro. Ela não apenas reconta as histórias de seus antepassados, como também recria suas trajetórias, incorporando seus legados em uma narrativa viva e evocativa. Essa abordagem pode ser uma ferramenta pedagógica valiosa para sensibilizar e conscientizar as futuras gerações

sobre as complexidades das identidades afro-brasileiras, ao mesmo tempo em que pode inspirar a expressão criativa e artística de suas vozes. A escrevivência é um ato de preservação, uma afirmação de presença e uma contribuição para a riqueza contínua da diversidade cultural e étnica que compõe a história do Brasil.

Por meio das histórias das artistas, compreende-se que a falta de inclusão de narrativas que contemplem uma educação inclusiva e que levem em conta as relações étnico-raciais no currículo escolar perpetua estereótipos e invisibiliza a riqueza da cultura e da história de uma camada da população historicamente marginalizada. O desafio está posto: é urgente a implementação da educação para as relações étnico-raciais, que incorpore as raízes e identidades afrodiaspóricas, em um currículo que não apenas ensine, mas também celebre as contribuições africanas, afro-brasileiras e indígenas para a sociedade.

## Referências

BASTOS, Erica. CRIAH, Filhadarua e Miranda: Conheça três mulheres Grafiteiras e Rappers. *Bocada Forte*, 30 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bocadaforte.com.br/destaque-bf/criah-filhadarua-e-miranda-conheca-tres-mulheres-grafiteiras-e-rappers>. Acesso em: 23 maio 2025.

BISPO, Aline. Aline Bispo - Portfólio. Disponível em: <https://luismaluf.com/portfolio/aline-bispo/#:~:text=Aline%20Bispo%20%C3%A9%20artista%20visual,do%20seu%20lugar%20no%20mundo>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BISPO, Aline. *Entrevista realizada em 24/08/2023 com Aline Bispo Souza*. Concedida a Camila Nunes da Costa. 2023.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE); CONSELHO PLENO (CP). *Resolução CNE/CP n.º 1, de 17 de junho de 2004*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: [https://www.prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/documento/resolucao\\_cne-cp\\_n.o\\_1\\_de\\_17\\_de\\_junho\\_de\\_2004.pdf](https://www.prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/documento/resolucao_cne-cp_n.o_1_de_17_de_junho_de_2004.pdf). Acesso em: 23 maio 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 23 maio 2025.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e

Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm). Acesso em: 23 maio 2025.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 23 maio 2025.

CETERTICH, Tatiana. *Funk: expressão cultural da vida cotidiana nas periferias*. 2021. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

DA PONTE pra cá. Intérprete: Racionais MC's. Compositores: Racionais MC's. *In*: NADA como um dia após o outro dia. Intérprete: Racionais MC's. [S. l.]: Zimbabwe Records, 2002. 2 CD, CD 2, faixa 10.

DERY, Mark. Black to the future. *In*: DERY, Mark (ed.). *Flame wars: the discourse of cyberculture*. Durham: Duke University Press, 1994.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212.

FILHADARUA, Bea. *Entrevista realizada em 06/08/2023 com Beatriz Rodrigues de Araujo*. Concedida a Camila Nunes da Costa. 2023.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Zahar, 2020.

INSTITUTO IBIRAPITANGA. *Perfil de Aline Bispo*. Rio de Janeiro: Instituto Ibirapitanga, c2025. Disponível em: <https://www.ibirapitanga.org.br/artistas/aline-bispo/>. Acesso em: 23 maio 2025.

JÚNIOR VIEIRA, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

MASSEMBA. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: José Carlos Capinan e Roberto Mendes. *In*: BRASILEIRINHO. Intérprete: Maria Bethânia. [S. l.]: Quitanda, 2003. 1 CD, faixa 2.

MBHALI, Mara. *Entrevista realizada em 25/07/2023 com Mayara Ramos de Souza*. Concedida a Camila Nunes da Costa. 2023.

MBHALI, Mara. *Site pessoal*. c2025a. Disponível em: <https://marambhali.46graus.com/>. Acesso em: 23 maio 2025.

MBHALI, Mara. *Sobre*. c2025b. Disponível em: <https://marambhali.tumblr.com/sobre>. Acesso em: 23 maio 2025.

PÂNICO na Zona Sul. Intérprete: Racionais MC's. Compositores: Racionais MC's. In: CONSCIÊNCIA Black, Volume 1. Intérprete: Racionais MC's. [S. l.]: Boogie Naípe, 1989. 1 CD, faixa 5.

PEREZ, José Roberto Rus. Por que pesquisar a implementação de políticas educacionais atualmente? *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1179-1193, out./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/gCjwL6rYr6sHpMPBGTwL73c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 jun. 2023.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. *Farol Antirracista*. c2023. Disponível em: <https://farolantirracista.sp.gov.br/>. Acesso em: 23 maio 2025.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação (SME). *Currículo da cidade: educação antirracista: orientações pedagógicas: povos afro-brasileiros*. São Paulo: SME, 2022.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; CARDOSO, Ivanilda Amado; FRANCCHINI, Flavia. Perspectivas transnacionais da diversidade étnico-racial e cultural na formação de professores. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 12, n. 32, p. 68-96, maio, 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/882>. Acesso em: 8 jun. 2023.

SANTOS, Anderson Oramisio. Formação de professores à luz da história e cultura afro-Brasileira e africana: novos desafios para uma prática reflexiva. *Poiesis Pedagógica*, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 151-170, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/29585>. Acesso em: 1º ago. 2023.

SULAMERICANO. Intérprete: BaianaSystem e Manu Chao. Compositores: BaianaSystem. In: O FUTURO não demora. Intérprete: BaianaSystem. [S. l.]: Máquina de Louco, 2019. 1 CD, faixa 4.

VIDA loka. Intérprete: Racionais MC's. Compositores: Racionais MC's. In: NADA como um dia após o outro dia. Intérprete: Racionais MC's. [S. l.]: Zimbabwe Records, 2002. 2 CD, CD 2, faixa 7.

ZANDONADE, Patricia; MORETTI, Ricardo. O padrão de mobilidade de São Paulo e o pressuposto de desigualdade. *EURE*, Santiago, n. 38, p. 77-97, 2012.

ZANIN, Vilma Pereira Martins. Arte e Educação: um encontro possível. *Colloquium Humanarum*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 57-66, 2005. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/195>. Acesso em: 11 jul. 2023.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em junho de 2025.